

## Pensando e fazendo com o criancismo nos estudos da literatura infantil e juvenil<sup>1</sup>

### Thinking and doing with childism in children's literature studies

### Pensando y haciendo con niñismo en los estudios de literatura infantil a juvenil

Justyna Deszcz-Tryhubczak<sup>2\*</sup>

 [0000-0002-1825-4397](https://orcid.org/0000-0002-1825-4397)

Macarena García-González<sup>3\*</sup>

 [0000-0001-8051-9969](https://orcid.org/0000-0001-8051-9969)

Tradução de Celia M. Magalhães<sup>4</sup>

 [0000-0002-8494-6084](https://orcid.org/0000-0002-8494-6084)

**RESUMO:** Neste artigo, compartilhamos reflexões sobre o modo como o criancismo nos permitiu navegar por pressupostos teóricos que moldam nosso campo e desenvolver novas posições e práticas de pesquisa que fomentam as interdependências entre crianças e adultos. Justyna Deszcz-Tryhubczak confiou no criancismo como uma estrutura para a introdução da pesquisa participativa com jovens leitores como forma de promover a colaboração criança-adulto. Já Macarena García-González utilizou o criancismo para pensar o adultismo e suas analogias com o sexismo. Embora elas ofereçam uma crítica ao criancismo como um conceito essencializante, também mostram como, ele serviu como uma porta de entrada para outras abordagens e, especialmente, para entendimentos pós-antropocêntricos tanto dos textos, leitores e mundo quanto dos nossos engajamentos críticos. Finalmente, argumentam que o criancismo pode continuar sendo um ponto de partida produtivo para novas aberturas na literatura infantil e juvenil, nos estudos da cultura e nos estudos da infância, se ele se tornar uma noção plural e “desordenada” que questiona o discurso de esperança por um futuro melhor como definidor da vida das crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** crítica criancista; literatura e cultura infantil e juvenil; feminismo novo materialista; pesquisa participativa; pós-humanismo.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado originalmente na revista *Children & Society*. A presente tradução foi autorizada pelas autoras. A referência completa do artigo original é a seguinte: DESZCZ-TRYHUBCZAK, J.; GARCÍA-GONZÁLEZ, M. Thinking and doing with childism in children's literature studies. *Children & Society*, v. 37, p. 01-15, ago., 2022. DOI: <https://doi.org/10.1111/chso.12619>

<sup>2\*</sup> Faculty of Letters, Institute of English Studies, University of Wrocław. E-mail: [justyna.deszcz-tryhubczak@uwr.edu.pl](mailto:justyna.deszcz-tryhubczak@uwr.edu.pl).

<sup>3\*</sup> School of Education of University of Glasgow, UK. E-mail: [Macarena.GarciaGonzalez@glasgow.ac.uk](mailto:Macarena.GarciaGonzalez@glasgow.ac.uk)

<sup>4</sup> Professora Titular, doutora em Literatura Comparada. UFMG. E-mail: [celiamag@gmail.com](mailto:celiamag@gmail.com)

**ABSTRACT:** In this article we share our reflections on how childism has enabled us to navigate theoretical assumptions shaping our field and develop new positions and research practices fostering child–adult interdependencies. Justyna Deszcz-Tryhubczak has relied on childism as a framework for the introduction of participatory research with young readers as a way for advancing child–adult collaboration. Macarena García-González has deployed childism to think about adultism and its analogies to sexism. Although we offer a critique of childism as an essentializing concept, we also show how for both of us it has served as a gateway towards other approaches, and especially post-anthropocentric understandings both of texts, readers and the world and of our critical engagements. Finally, we argue that childism may remain a productive starting point for further openings in children's literature and culture studies and childhood studies if it becomes a plural and messy notion that questions the discourse of hope for a better future as defining children's lives.

**KEYWORDS:** childist criticism; children's literature and culture; new materialist; feminism; participatory research; posthumanism.

**RESUMEN:** En este artículo compartimos nuestras reflexiones sobre cómo el niñismo nos ha permitido navegar supuestos teóricos que dan forma a nuestro campo y desarrollar nuevas posiciones e investigaciones prácticas que fomentan las interdependencias niño-adulto. Justina Deszcz-Tryhubczak se ha basado en el niñismo como marco para la introducción de la investigación participativa con lectores jóvenes, como una forma de promover la colaboración entre niños y adultos. Macarena García-González ha desplegado el niñismo para pensar en el adultismo y sus analogías con el sexismo. Aunque ofrecemos una crítica al niñismo como un concepto esencializante, también mostramos cómo, para los dos, ha servido como base para otros enfoques, y especialmente entendimientos post-anthropocéntricos tanto de textos, lectores y el mundo y de nuestros compromisos críticos. Finalmente, nosotros argumentamos que, el niñismo, puede seguir siendo un punto de partida productivo para nuevas aperturas en la literatura, de infantil a juvenil, y de juvenil y los estudios de cultura infantil y de la infancia, se convierte en una noción plural y desordenada que cuestiona el discurso de esperanza de un futuro mejor, como definidor de la vida de los niños.

**PALABRAS CLAVE:** crítica niñista, literatura y cultura infantil a juvenil, nuevo materialismo, feminismo, investigación participativa, posthumanismo

## Introdução

Em 1984, Jacqueline Rose publicou *The Case of Peter Pan, Or The Impossibility of Children's Fiction*<sup>5</sup> que continua a se fazer presente, de modo conspícuo, nas teorizações da literatura infantil e juvenil. O principal argumento de Rose era que a literatura infantil e juvenil é, na verdade, sobre e para adultos, pois tem como objetivo construir “uma imagem da criança dentro do livro” para “garantir a criança que está fora do livro, aquela que não está tão facilmente ao alcance.” (ROSE,

---

<sup>5</sup> O caso de Peter Pan, ou a impossibilidade da ficção infantil e juvenil

1984, p. 2). *The case of Peter Pan* tem sido predominantemente lido como um apelo aos estudiosos da literatura infantil e juvenil para se concentrarem no desmantelamento das construções ideológicas da infância, ao mesmo tempo em que também tem sido criticado por declarar que é “impossível” para os adultos se transporem em crianças. David Rudd (2010) aponta como, ironicamente, Rose se apegava a uma noção residual da criança romântica ao considerar que as crianças são um grupo tão distinto dos adultos que estão fora da sociedade e da linguagem. A pesquisa pós-Rose inclui estudos do *Reading Group* por exemplo, (LESNIK-OBERSTEIN, 1994; LESNIK-OBERSTEIN; THOMSON, 2002), para o qual as discussões sobre crianças reais equivalem a novas construções da infância, e a teoria da etonormatividade de Maria Nikolajeva (2009, 2010), segundo a qual a literatura infantil e juvenil centra-se na normatividade adulta, refletindo assim os desequilíbrios de poder criança/adulto da vida real. Mais recentemente, Clémentine Beauvais (2015) desenvolveu o conceito de criança poderosa; ou seja, a criança que potencialmente subverte a ordem etonormativa por meio da posse de um futuro inacessível ao adulto. Por mais diversas que sejam essas abordagens, elas se baseiam no binarismo criança-adulto, falhando assim em examinar todo o espectro das relações criança-adulto na literatura infantil e juvenil e na vida real, especialmente à luz da importância dos laços intergeracionais como cruciais para a sobrevivência das sociedades contemporâneas (DESZCZ-TRYHUBCZAK; JAQUES, 2021).

Ao trabalhar neste artigo, percebemos que em 1984 também se viu o surgimento de outra importante abordagem teórica para a literatura infantil e juvenil: a “crítica criancista”, proposta por Peter Hunt, que deu origem a uma contracorrente teórica em que “o adulto e a criança convivem de uma maneira igualitária.” (CHAPLEAU, 2009, p. 164). Hunt argumentou que as múltiplas respostas individuais dos jovens leitores à literatura devem informar a prática crítica dos adultos como um caminho para uma compreensão mais precisa do “ler como criança” em contextos culturais particulares (HUNT, 1984, p. 45). Hunt sugeriu que, se concordarmos que as interpretações de textos geralmente não estão de acordo com as intenções dos autores, “poderemos descobrir que os quatro tipos atuais de resenha e avaliação de livros infantis e juvenis (“as crianças *poderiam* gostar...”, “as crianças *deveriam*

gostar...”, “as crianças gostam *de fato...*”, “as crianças *vão* gostar...”) são todos igualmente suspeitos.” (HUNT, 1984, p. 44) com base apenas em nossas suposições sobre os leitores jovens. Essas suposições, como Hunt (1991, p. 143) insistiu em seu *Criticism, Theory, and Children's Literature*<sup>6</sup>, precisam ser desafiadas por meio da “releitura de textos de [...] um ponto de vista criancista”, o que significa, como ele enfatizou, uma apreciação realista do que um crítico adulto faz ao lidar com livros infantis e leitores infantis: “são os *críticos* que, em última instância, fazem os livros” e “criam o clima intelectual que produz o texto” (HUNT, 1991, p. 143). As crianças, por outro lado, podem ter liberdade de escolha, mas podem escolher apenas “*a partir do que há para ser escolhido.*” (HUNT, 1991, p. 143).

As ideias de Hunt não se mostraram tão influentes quanto as de Rose nas décadas seguintes, mas inspiraram vários *insights* inovadores sobre os conceitos de criança e infância que podem ser vistos como tentativas de neutralizar o adultismo predominante nos estudos de literatura infantil e juvenil. Nosso artigo tem dois objetivos: primeiro, discutir o que significa o criancismo em nosso campo e o exemplificar com nossa prática de pesquisa; em segundo lugar, criticar o criancismo por ele essencializar a criança e o adulto e argumentamos que ele deve ser expandido para abordar as relacionalidades humanas e mais que humanas que produzem a infância e a idade adulta. Concluimos com uma especulação sobre o modo como uma compreensão pluralista do criancismo pode gerar mais aberturas em estudos da cultura infantil e juvenil.

## O pensamento criancista nos estudos acadêmicos da literatura infantil e juvenil

Antes de fornecermos uma visão geral dos estudos de literatura infantil e juvenil, gostaríamos de apresentar comentários recentes de Peter Hunt (2021) sobre a abordagem criancista, que ele gentilmente forneceu a nosso pedido. As observações de Hunt são pertinentes, pois alguns críticos interpretaram erroneamente a ideia da crítica criancista como “uma tentativa dos adultos de ler como as crianças leriam”

---

<sup>6</sup> Hunt (2010).

(NODELMAN, 2008, p. 156), ou como “o prestar atenção a atributos específicos das crianças como leitores” (REYNOLDS, 2011, p. 128). A primeira interpretação foi também a de John Wall, que assim escreve sobre a crítica criancista: “Nesta visão, os adultos podem interpretar de forma mais complexa a literatura infantil e juvenil, deixando de lado seus preconceitos adultos e lendo a partir dos pontos de vista das próprias crianças” (WALL, 2019, p. 6). No entanto, como Hunt explica em *Childist Criticism Revisited*<sup>7</sup> (2021) :

*Desconsiderar o público-alvo de um texto como irrelevante me parecia um absurdo evidente: o público era essencial para o processo crítico. Supunha-se que a dificuldade era que a percepção, resposta ou entendimento da criança, ou de uma criança, ou de qualquer criança — teórica ou real — era incognoscível. Ou melhor, que os críticos (e outros adultos envolvidos com os textos infantis) pudessem arrogantemente tomar decisões (como fazem agora) sobre o que a/uma/qualquer criança poderia gostar/entender – ou, implicitamente, o que ela deveria gostar ou entender.*

*O que eu queria fazer era entregar o poder, pelo menos nominalmente, aos leitores mirins. Como qualquer pessoa que tenha contato com leitores infantis reais sabe, é impossível, além de certas respostas denotativas limitadas, saber o que eles entendem de um texto: tudo o que sabemos é que provavelmente não é o que um leitor habilidoso entenderia. A ideia da crítica “criancista” não era especular ou presumir o que uma criança leitora – seja como for definida, mas geralmente definida por uma relativa inexperiência – entenderia, mas reconhecer que o entendimento era diferente, individual e, em grande medida, incognoscível.*

*Tal abordagem, é claro, torna redundantes todos os julgamentos dos adultos sobre os livros infantis – toda discussão adulta sobre eles – o que levanta de forma um tanto bizarra a questão do porquê os críticos deveriam receber salário. Também confronta diretamente o elefante na sala da maioria da crítica e teoria (naquele ponto histórico): poderíamos admitir que não sabemos o que uma criança está pensando, mas é muito menos provável que admitamos que não sabemos o que um adulto está pensando também. Poderia haver limites mais estreitos para “leituras equivocadas” ao lidar com grupos de leitores, mas eles estão lá: há um texto nesta aula? Se nos opomos a assumir que as crianças, como um grupo, extraem certos significados compartilhados dos textos, por que não fazemos o mesmo com os adultos? (HUNT, 2021, dados não publicados).*

É devido às interpretações equivocadas dos objetivos da crítica criancista, acima mencionadas, que ela não foi implementada na prática. Para Kimberley Reynolds (2011, p. 54), tem sido “mais uma posição do que uma metodologia”. Além disso, vários estudiosos da literatura infantil e juvenil confiaram na compreensão de Elisabeth Young-Bruehl (2012) do criancismo como um preconceito contra as crianças, sem reconhecer seu potencial afirmativo (JOOSEN, 2013; NANCE-

---

<sup>7</sup> *A crítica criancista revisitada*

CARROLL, 2021), o que vemos como sintomático da aceitação do nosso campo do binarismo criança-adulto como a forma padrão das relações intergeracionais.

No entanto, o entendimento afirmativo do criancismo sugerido por Hunt deu origem a algumas discussões teóricas importantes que desafiam a crítica adultista. A orientação criancista continuou com a insistência de Karen Coats em desenvolver abordagens envolvendo interações com crianças reais baseadas no amor, e não na exploração, como o núcleo das relações criança-adulto (COATS, 2001, p. 143). Para Andrew Melrose (2012), um livro infantil “é o mais próximo que podemos chegar de um abraço crítico, visual, literário e literal, e perder esse ponto é perder a função do livro e o potencial que ele tem no processo de educação e na criação de conexões”. Engajando-se diretamente com os argumentos de Hunt, Sebastien Chapleau abordou a própria viabilidade do conceito de literatura infantil e juvenil: deveria referir-se apenas ao “processo de produção” (“a escrita da literatura infantil e juvenil”); considerando que, “[um] livro infantil nunca pode ser – ele pode apenas se tornar.” (CHAPLEAU, 2009, p. 65). Assim, o que pode existir é uma “literatura infantil e juvenil.” (CHAPLEAU, 2009, p. 65) ou literaturas infantis definidas pela “individualidade da criança” em um determinado momento (CHAPLEAU, 2009, p. 65). Chapleau (2009, p. 65) viu essa possibilidade como “o aqui e agora no cerne da crítica criancista”. Ele também se perguntou o que seria uma crítica criancista da própria crítica criancista (CHAPLEAU, 2009, p. 150); isto é, como as crianças entenderiam e comentariam tais preocupações acadêmicas. Embora não tenha proposto uma metodologia que permitisse a emergência da prática crítica das próprias crianças, sua pergunta pode ser vista como uma abertura para abordagens participativas nos estudos da(s) literatura(s) infantil(is) e juvenil(is). Finalmente, Chapleau (2009) enfatizou o potencial de mudança de paradigma da crítica criancista: ao desestabilizar a instituição da literatura infantil e juvenil, ela poderia desafiar normas sociais e culturais mais amplas que definem a infância e a idade adulta.

Uma contribuição especialmente importante para o pensamento criancista foi feita por Mary Galbraith (2001), que em seu *Hear My Cry: A Manifesto for an Emancipatory Childhood Studies Approach to Children's Literature*<sup>8</sup> proposto para ver

---

<sup>8</sup> *Ouçá meu chamado: um manifesto para uma abordagem dos estudos emancipatórios da infância à*



os estudos criancistas da literatura infantil e juvenil como parte de um projeto emancipatório geral de estudos da infância, centrado em “um compromisso de entendimento da situação dos bebês e crianças do ponto de vista da primeira pessoa, explorando as forças contingentes que bloqueiam a emergência total das crianças como sujeitos expressivos e descobrindo como essas forças podem ser superadas.” (GALBRAITH, 2001, p. 188). Galbraith enfatizou que esse modelo emancipatório deveria se desenvolver em todas as disciplinas acadêmicas e na sociedade em geral como resultado de “*achar maneiras de admitir desejos, experiências e dificuldades da infância em todas as práticas da comunidade humana [...]*” (GALBRAITH, 2001, p. 194, grifo do autor). Por isso, ela defendeu uma mudança sistêmica que poderia levar a uma profunda transformação social e, em particular, a criar indivíduos conscientes da necessidade de “um modelo emancipatório” no qual “os adultos buscam maneiras de reentrar na sua própria experiência infantil e reavaliá-la como parte de um projeto humano emancipatório pessoal, bem como um projeto maior para estar com as crianças, apoiá-las e negociar conflitos com elas sem oprimi-las.” (GALBRAITH, 2001, p. 188-189). Os estudos da infância e os estudos da literatura infantil e juvenil podem apoiar esse objetivo, centrando-se nas dependências intergeracionais. Para Galbraith, “a questão emancipatória central com relação à infância não é como as crianças podem escapar dos adultos, mas como as crianças e os adultos poderiam dialogar em um relacionamento em que um dos parceiros é muito vulnerável e capaz de sofrer, mas dependente em termos de desenvolvimento e relativamente inarticulado.” (GALBRAITH, 2001, p. 190). A busca por tal diálogo pode ser canalizada através da literatura infantil e juvenil, pois ela representa tanto “a situação existencial da infância em um mundo dominado por adultos” (GALBRAITH, 2001, p. 200), quanto contém esquemas e motivos próximos às experiências de crianças e adultos. Como enfatizou Galbraith, embora sua abordagem “endosse o projeto criancista de Hunt”, ela é, no entanto, substancialmente mais ampla, pois vê uma exploração dos elementos emancipatórios da literatura infantil e juvenil como uma forma de mobilizar a reflexão interdisciplinar sobre as conectividades infância-adulto (GALBRAITH, 2001, p. 198).

Vários estudiosos que trabalham com a crítica criancista também exploraram

possibilidades teóricas e práticas de apreciação das crianças como criadoras da cultura infantil e juvenil e de inclusão de textos por elas produzidos no âmbito dos estudos da literatura infantil e juvenil. David Rudd (2005) desenvolveu a noção de criança construtiva para reconhecer a abundância da literatura produzida por crianças – uma proposição que abriu uma possibilidade de literatura infantil e juvenil como algo mais do que um elemento de cultura criado por adultos para o público jovem. Como Rudd argumentou, “o fato de que as crianças são vistas como não participantes disso [da criação da literatura infantil e juvenil] é [...] um produto do modo como a literatura infantil e juvenil (em seus textos e críticas) se tornou institucionalizada, de tal forma que – ironicamente – apenas os trabalhos publicados comercialmente contam; ou, para dizer de outra forma, apenas os adultos são vistos como capazes de “autorizar” a literatura infantil e juvenil adequada (RUDD, 2005, p. 19). Ele então sugeriu que os estudiosos da área contribuam para “essa versão culturalmente dominante dos eventos”, implicando, assim, a necessidade de desenvolver metodologias criancistas informadas pelo que Chapleau se referiu como respeito por todas as culturas infantis (CHAPLEAU, 2009, p. 76, 83). Peter E. Cumming também defendeu a presença de “vozes, visões de mundo, culturas e práticas de leitura e escrita” das crianças nos estudos da literatura infantil e juvenil, o que, como ele esperava, potencialmente “desestabilizaria” e “enriqueceria o estudo acadêmico adulto da literatura infantil e juvenil.” (CUMMING, 2008, p. 106). No entanto, para Cumming, essa transformação provavelmente não acontece não apenas porque “as crianças permanecem cidadãos de segunda classe, membros de uma subespécie da raça humana” (CUMMING, 2008, p. 106), mas também pela dificuldade de determinar que tipo de escrita infantil vale a pena estudar. Cumming ainda perguntou como deveríamos estudá-la: “Como uma janela para os adultos aos cantos secretos da vida das crianças? Como um questionamento da literatura de autoria adulta e do poder adulto? Como um desafio fundamental para a produção e recepção tradicionais da literatura infantil e juvenil?” (CUMMING, 2008, p. 106–107). Portanto, para Cumming, a abordagem criancista poderia versar sobre “leituras de adultos informadas por leituras de crianças” que ocorrem na exploração das escritas infantis como “parte de um empreendimento mútuo entre criança e leitor adulto” (CUMMING, 2008, p. 108). Tais empreendimentos



podem “capacitar escritores e leitores infantis” sem desempoderar os adultos: como Cumming explica, “certamente não é necessário desempoderar (mas apenas tornar humildes) os leitores adultos.” (CUMMING, 2008, p. 108). Tal perspectiva é um acréscimo razoável à crítica criancista e seu foco no diálogo intergeracional. Pesquisas que seguem essa direção podem ser encontradas em *Dependent States: The Child's Part in Nineteenth-Century American Culture*<sup>9</sup>, de Karen Sánchez-Eppler (2005); *Artful Dodgers: Reconceiving the Golden Age of Children's Literature*<sup>10</sup>, de Marah Gubar (2009); um número especial da *Bookbird* (SUNDMARK, 2017); *Between Generations: Collaborative Authorship in the Golden Age of Children's Literature*<sup>11</sup>, de Victoria Ford Smith (2017); *Time for Childhoods: Young Poets and Questions of Agency*<sup>12</sup>, de Rachel Conrad (2019).

O caráter adultista da literatura infantil e juvenil, limitado a textos de autoria de adultos, foi mais recentemente questionado por Lies Wesseling, que considerou abordagens para pesquisar “uma outra literatura infantil e juvenil”, ou seja, uma literatura sobre, para e por crianças” (WESSELING, 2019). Defendendo a necessidade de se repensar “a assimetria entre a autoria adulta e os leitores jovens”, Wesseling argumentou a favor de se prestar atenção às oportunidades criativas resultantes do desenvolvimento da internet e das novas mídias e, em particular, ao desaparecimento das distinções entre escritores e leitores e ao número crescente de colaborações intergeracionais criativas e de jovens autores que se publicam eles próprios (WESSELING, 2019). Essa abordagem descarta as suspeitas que frequentemente surgem em relação à agência criativa da criança em colaborações intergeracionais. Como explicou Wesseling, o poder está em jogo em qualquer empreendimento conjunto e, embora a criatividade das crianças seja inevitavelmente “mediada por editores adultos, tradutores, editores e por relações-públicas e profissionais de marketing, isso não a torna necessariamente igual à repressão ou ao silenciamento das vozes das crianças” (WESSELING, 2019). Portanto, como ela concluiu, devemos explorar os benefícios mútuos provenientes de parcerias criativas

---

<sup>9</sup> *Estados dependentes: a parte da criança na cultura americana do século dezanove*

<sup>10</sup> *Trapaceiros habilidosos: reconcebendo a era de ouro da literatura infantil e juvenil*

<sup>11</sup> *Entre gerações: autoria colaborativa na era de ouro da literatura infantil e juvenil*

<sup>12</sup> *Tempo para infâncias: jovens poetas e questões de agência*

entre crianças e adultos, em vez de vê-las como sempre injustamente assimétricas.

O argumento de Wesseling (2019) baseia-se no modelo de parentesco de Marah Gubar das relações criança-adulto, um exemplo do pensamento criancista mais recente nos estudos de literatura infantil e juvenil. Nesse modelo, “crianças e adultos são fundamentalmente semelhantes entre si, mesmo que certas diferenças ou deficiências estejam rotineiramente presentes em certas partes do processo de envelhecimento.” (GUBAR, 2016, p. 299). Contestando as abordagens de diferença e déficit da infância, Gubar, portanto, argumenta que as expressões de agência das crianças ou suas experiências poderiam variar “em grau” daquelas dos adultos, mas deveriam ser reconhecidas em relação às experiências e à agência dos adultos, em vez de serem radicalmente separadas destas (GUBAR, 2013, p. 454). Assim, no modelo de parentesco, as respostas das crianças à literatura e suas contribuições criativas à cultura são tão importantes e valiosas como os dos adultos. Gubar enfatiza que a apreciação do modelo de parentesco requer uma “inversão de perspectiva” (GUBAR, 2016, p. 300): temos tanto hábito de perceber as crianças e os adultos como espécies separadas, com o primeiro impotente e aspirante à norma e o segundo poderoso e constituindo a norma, que podemos achar as conectividades criança-adulto difíceis de perceber e aceitar. Por mais difícil que essa mudança de perspectiva possa ser, ela ocorreu, como evidenciado no crescente interesse acadêmico no papel que têm a literatura e a cultura infantil e juvenil na manutenção dos laços intergeracionais. Em *Adulthood in Children's Literature*<sup>13</sup>, Vanessa Joosen (2018) traz *insights* dos estudos de idade e da pesquisa de literatura infantil e juvenil para examinar motivos etários em representações da velhice em textos infantis selecionados. É importante ressaltar que ela ampliou recentemente essa abordagem usando a conceituação de criancismo de Wall em “Connecting Childhood Studies, Age Studies and Children's Literature Studies: John Wall's Concept of Childism and Anne Fine's The Granny Project”<sup>14</sup> (2022). As interdependências entre idades também são o foco de *Intergenerational Solidarity in Children's Literature and Film*<sup>15</sup>, organizado

---

<sup>13</sup> *Idade adulta na literatura infantil e juvenil*

<sup>14</sup> *Conectando os estudos da infância, os estudos de idade e os estudos da literatura infantil e juvenil: o conceito de criancismo de John Wall e o projeto da vovó de Anne Fine*

<sup>15</sup> *Solidariedade intergeracional na literatura infantil e juvenil e cinema*

por Justyna Deszcz-Tryhubczak e Zoe Jaques (2021), livro em que se defende a instituição da cultura infantil e juvenil como capaz de promover laços entre crianças e adultos, inteligência geracional e empatia. Essa afirmação também impulsiona *Children's Literature and Intergenerational Relationships: Encounters of the Playful Kind*<sup>16</sup> (DESZCZ-TRYHUBCZAK; KALLA, 2021b) e *Rulers of Literary Playgrounds: Politics of Intergenerational Play in Children's Literature*<sup>17</sup> (DESZCZ-TRYHUBCZAK; KALLA, 2021a), organizado por Justyna Deszcz-Tryhubczak e Irena Barbara Kalla. Todos esses estudos postulam a literatura e a cultura infantil e juvenil como um lugar de um espectro de trocas intergeracionais tanto no nível da representação quanto como uma prática catalisadora dessas experiências na vida real por meio de processos criativos, receptivos e de pesquisa compartilhados.

Esperamos que a revisão acima dos desenvolvimentos criancistas em nosso campo tenha encorajado os leitores a refletir sobre as afinidades teóricas entre o criancismo nos estudos da literatura infantil e juvenil e nos estudos da infância. A mais importante dessas convergências é o compromisso de propagar o respeito pelas conectividades intergeracionais. Abaixo discutimos mais uma afinidade – a emergência de abordagens participativas em nosso campo como uma tentativa prática de desestabilizar o binarismo criança/adulto.

## **Abordagens participativas dos estudos da literatura infantil e juvenil**

Wall argumenta que o criancismo tem implicações para as humanidades na medida que deveria encorajar o surgimento de metodologias inclusivas que não apenas garantam “voz para expressões de alteridade” (WALL, 2013, p. 82), mas também gerem e expandam possibilidades para entendimentos intergeracionais compartilhados. Como mostrado acima, essa transformação ocorreu em certa medida em nosso campo, como evidenciado no interesse crescente pela escrita da própria criança como uma contribuição vital e legítima para a literatura infantil e juvenil. E, no

---

<sup>16</sup> *Literatura infantil e juvenil e relacionamentos intergeracionais: encontros do tipo lúdico*

<sup>17</sup> *Reguladores dos playgrounds literários: políticas de jogo intergeracional na literatura infantil e juvenil*

entanto, as estruturas fundamentais dos estudos da literatura infantil e juvenil permaneceram centradas no adulto, com as crianças tipicamente apresentadas como sujeitos da pesquisa de estética da recepção (*reader-response*), em vez de atores competentes e detentores de conhecimento e expertise a respeito de suas vidas, incluindo suas experiências de leitura. Inspirada diretamente pelo apelo de Wall para uma revolução criancista nas humanidades por meio da inclusão de experiências infantis (WALL, 2013), Deszcz-Tryhubczak e seu colega, Mateusz Marecki, argumentaram a favor do uso da pesquisa participativa como forma de corrigir as relações assimétricas de poder entre estudiosos da literatura infantil e juvenil e jovens leitores por meio do diálogo intergeracional e da coprodução de conhecimento sobre livros infantis e leitura. Nos anos de 2016–2019, em colaboração com os alunos do ensino fundamental de Breslávia, na Polônia, e seu professor polonês, eles formaram uma equipe de pesquisa intergeracional e desenvolveram dois projetos participativos: *Children's Voices in the Polish Canon Wars*<sup>18</sup> e *Productive Remembering of Polish Childhoods*<sup>19</sup>. Embora ambos os projetos tenham sido iniciados por Deszcz-Tryhubczak e Marecki, os jovens pesquisadores foram convidados a exercer controle sobre todas as etapas do processo de pesquisa. Os projetos resultaram, entre outros, na publicação de dois artigos polivocais revisados por pares, coescritos com pesquisadores infantis, com cada seção especificando os nomes de seus autores (CHAWAR *et al.*, 2018; DESZCZ-TRYHUBCZAK *et al.*, 2019). Até onde sabemos, a escrita e a publicação de artigos revisados por pares com leitores infantis continua sendo uma prática sem precedentes em nosso campo.

Para atingir esses objetivos, a equipe precisava resolver uma série de questões éticas. Estas incluíram a distribuição desigual de poder no processo de pesquisa; as limitações na representação de vozes infantis; o desenvolvimento de métodos sensíveis à criança; a confiança mútua; o respeito e responsabilidade recíprocos; o reconhecimento da diversidade intra-infância, e o lugar, a provisoriedade e contingência da produção de conhecimento envolvendo jovens participantes. As interações intergeracionais em ambos os projetos eram fluidas: enquanto os

---

<sup>18</sup> *Voices de crianças nas guerras canônicas polonesas*

<sup>19</sup> *Recordação produtiva das infâncias polonesas*

pesquisadores adultos faziam malabarismos com os papéis de figura fraternal “menos adulta” ou de facilitador (WARMING, 2011, p. 39) e professor supervisor, os pesquisadores infantis “trocavam suavemente os papéis de participantes supervisionados dependendo da assistência de adultos e de pesquisadores chave de pleno direito.” (CHAWAR *et al.*, 2018, p. 119). Como descobriram Deszcz-Tryhubczak e Marecki, sua colaboração participativa com crianças exigia assumir a postura de “imaturidade metodológica” (GALLACHER; GALLAGHER, 2008, p. 499), a qual implicava flexibilidade e abertura à apropriação infantil de ferramentas de pesquisadores adultos. Como eles explicam:

“É essa relacionalidade e interdependência, combinada com a imprevisibilidade, que os estudiosos da literatura infantil e juvenil podem achar especialmente difícil não apenas aceitar, mas também reconhecer como um aspecto produtivo em potencial do processo de pesquisa.” (CHAWAR *et al.*, 2018, p. 116).

Finalmente, o grau de participação e de tomada de decisão alcançado em ambos os projetos variou em diferentes estágios das colaborações. Às vezes, os adultos eram responsáveis pela tomada de decisão, iniciação e direção, enquanto também havia ocasiões em que os jovens pesquisadores assumiam a seleção do método, o estabelecimento de metas e o planejamento. Embora ambos os projetos tenham sido substancialmente enquadrados pelo ambiente escolar, todos os participantes se esforçaram para manter as inevitáveis desigualdades de poder ao mínimo, enfatizando as interdependências criança-adulto. Esses esforços foram apreciados pelos pesquisadores infantis, o que se reflete em seus comentários em ambos os artigos.

Ambos os projetos estabeleceram um precedente para uma transformação criancista nos estudos da literatura infantil e juvenil: eles mudaram a atenção acadêmica para jovens leitores como sujeitos produtores de conhecimento o que pode não apenas guiar pesquisadores adultos em suas explorações de livros infantis, mas também é valioso por si só. Como concluem Deszcz-Tryhubczak e Marecki, sem reconceber os estudos da literatura infantil e juvenil como promotores do diálogo intergeracional, arriscamos perder oportunidades produtivas de trabalhar com as crianças e os livros para o benefício de todas as gerações, já que a própria literatura

infantil “representa, incorpora e permite uma rede cultural, socioeconômica e política de laços, interações, lealdades e compromissos entre as crianças e os adultos.” (CHAWAR *et al.*, 2018, p. 112). No entanto, como eles também percebem, “apesar dos melhores esforços, a pesquisa participativa com crianças pode ser questionada como não válida e rigorosa o suficiente, de acordo com as convenções acadêmicas (leiam-se adultas)” (DESZCZ-TRYHUBCZAK; MARECKI, 2021, p. 222). Resumindo a experiência adquirida em ambos os projetos, os autores propõem que, embora não existam soluções universais para os desafios éticos e metodológicos da pesquisa participativa com crianças, a chave para o potencial dessa abordagem para desestabilizar os pressupostos adultistas na academia está na aceitação da “desordem” da pesquisa participativa como um trabalho em andamento, e não como resultado final ou produto.

Embora a pesquisa participativa descrita acima exemplifique as inspirações criancistas que os estudos da literatura infantil e juvenil encontraram nos estudos da infância, acreditamos que nosso campo também tem muito a oferecer a estes últimos. Como argumentamos a seguir, ao focar diversas formas textuais e sua circulação e recepção, os estudos da literatura infantil e juvenil permitem um entendimento fluido das temporalidades, espacialidades e conexões intergeracionais múltiplas que produzem e moldam as conectividades infância-adulto.

## **Criancismo e materialismos feministas**

Como Wall explica, o criancismo aparece nos estudos da infância “em analogia a conceitos como feminismo, mulherismo, pós-genericismo, pós-colonialismo, decolonialismo, ambientalismo e transumanismo.” (WALL, 2019, p. 1). Ele o associa a esses “ismos” porque são relacionados a várias formas de ativismo, e não a formas de discriminação contra as quais eles lutam, isto é, sexismo, racismo, extrativismo e etarismo, para citar alguns. Wall, obviamente, enfatiza a comparação com o feminismo para mostrar como o criancismo é um termo positivo ligado à agência e à transformação. O campo interdisciplinar dos estudos da infância tem sido frequentemente comparado ao dos estudos de gênero no sentido de que os conceitos



de idade e geração também seguem o pós-estruturalismo de Butler. Assim como o gênero, a idade e a geração são produzidas socialmente. Essa comparação costuma ser feita para sinalizar uma falha dos estudos da infância em integrar a ordem geracional da mesma forma que os estudos de gênero fizeram com gênero (PUNCH, 2016; WALL, 2019). Essa falha reflete-se, por exemplo, na forma como as agências de financiamento exigem que as relações de gênero sejam tema nos projetos de pesquisa, enquanto nada semelhante é exigido para as relações etárias ou geracionais (PUNCH, 2020). Wall enfatiza a relação entre o criancismo, os estudos de gênero e os estudos feministas, propondo o primeiro como uma abordagem ativista na pesquisa relacionada à “ambição feminista pela transformação normativa sistêmica” (WALL, 2019, p. 7). O autor admira o modo como os estudos de gênero decolaram dos primeiros estudos sobre mulheres para um amplo projeto de transformação social e esboça como seria essa mudança para os estudos focados na infância: ele propõe mover a crítica pós-estruturalista que considera a infância uma categoria socialmente construída em direção ao que ele chama de “reconstrucionismo criancista”, no qual a academia se concentraria não na compreensão das vidas (das crianças) ou na desconstrução de discursos hegemônicos que as marginalizam, mas na “reconstrução das relações sociais interdependentes como mais radical e imaginativamente sensíveis à diferença.” (WALL, 2019, p. 11). A pesquisa seria, assim, orientada para a criação de uma imaginação social inclusiva da diferença da qual as crianças participassem.

A ênfase do criancismo em trazer o ativismo para a academia compartilha caminhos com os desenvolvimentos dos estudos de gênero, mas se beneficiaria de um relacionamento mais profundo com os estudos feministas contemporâneos, nos quais o apelo à transformação é fundamentado em conceituações recém-desenvolvidas das dimensões éticas, epistemológicas e ontológicas de pesquisa (BARAD, 2007, p. 90). Barad e outras estudiosas feministas apelam para uma atenção às materialidades biossociais, a fim de afastar a pesquisa do binarismo realidade/linguagem em direção a entendimentos complexos dos emaranhados humanos e mais do que humanos. Os novos filósofos materialistas prometem uma produção de conhecimento em que ética, ontologia e epistemologia sejam

reconhecidas como indissociáveis. Essa abordagem de pesquisa influenciou profundamente os estudos da infância em seu movimento de distanciamento de um entendimento da infância como uma construção social para conceituá-la como uma categoria biossocial na qual idade e geração são produzidas em vez de refletidas (DIAZ-DIAZ; SEMENEC, 2020; KRAFTL; HORTON, 2018; LENZ TAGUCHI, 2011; MALONE; TESAR; ARNDT, 2020; MURRIS, 2020; OSGOOD, 2014; SPYROU, 2019). Se a pesquisa produz a infância, ela é responsável pelo modo como a criança e a infância são expostas por meio de práticas metodológicas (SPYROU, 2018). O novo enfoque materialista nas relacionalidades permite o distanciamento das figurações das crianças como seres ou devires, o que tem sido o centro dos debates nos estudos da infância há décadas. A criança – assim como o adulto – emerge, ao contrário, das redes humanas e mais que humanas nas quais as normatividades adultas estão dispersas.

A apreciação de tais porosidades entre as categorias lança uma nova luz sobre a questão do como distinguir a natureza da cultura, que o novo materialismo considera como o continuum das “naturezasculturas” (*naturecultures*) (HARAWAY, 2003). Estudiosos que trabalham com essa perspectiva nos estudos da infância criticam o desenvolvimentismo como discursos e práticas emergentes da relação das idades (biológicas) a marcos de desenvolvimento e possíveis atrasos (OSGOOD; ROBINSON, 2019). A psicologia do desenvolvimento tem sido o paradigma hegemônico em que a categoria da criança produz pressupostos essencialistas (e universalistas). O novo materialismo propõe, em vez disso, olhar para o modo como a criança e o adulto são produzidos nas relações. Alguns autores clamam pela descentralização da infância (SPYROU, 2017) e o afastamento das “preocupações centradas na criança em direção a questões mais diversas nas quais as crianças e a infância estão implicadas, mas são claramente mais amplas e abrangentes.” (SPYROU, 2017, p. 434). Dessa forma, eles “prescindem da própria ideia de que a criança – como um sujeito humano individualizado – deve ser o principal objeto de análise para estudos da infância.” (KRAFTL; HORTON, 2018, p. 107).

Nos estudos da literatura infantil e juvenil, a crítica feminista (literária) tem sido vista como paralela ao criancismo, pois ambos lidam com a exclusão e a

marginalização (HUNT, 1991, p. 191-192). Lissa Paul argumenta que uma boa razão para “apropriar-se da teoria feminista para a literatura infantil e juvenil” é que “tanto a literatura feminina quanto a literatura infantil e juvenil são desvalorizadas e consideradas marginais e periféricas pelas comunidades literárias e educacionais.” (PAUL, 1987, p. 187). Lissa Paul celebra o modo como as críticas feministas têm desafiado a marginalização das mulheres na história literária, dando definição e valor à literatura escrita por mulheres, a qual tomou formas e explorou gêneros fora das culturas literárias convencionais. Em seu argumento para uma crítica criancista, Sebastian Chapleau (2007) cita Lissa Paul, assim como *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf (1929), para argumentar sobre a necessidade de se valorizarem textos escritos por crianças como obras de literatura produzidas a partir de posições marginalizadas na mesma linha da escrita feminina. Por mais interessante que seja esse paralelismo, ele junta a marginalização das mulheres e a das crianças e arrisca obscurecer as diferenças entre os funcionamentos de gênero e de idade. Em primeiro lugar, precisamos considerar a categoria da “criança” marginalizada com atenção às posições interseccionais que, de início, produzem tal criança: por exemplo, devemos perguntar como ela é classificada, generificada, racializada, capacitada... Em segundo lugar, precisamos ponderar sobre o modo como o etarismo dirigido contra as crianças funciona de maneira diferente do sexismo e do racismo, até porque as crianças podem potencialmente sair da categoria ao crescer, enquanto os membros dos outros grupos oprimidos não. Em terceiro lugar, precisamos observar como a categoria da criança marginalizada implica um reverso em potencial: a criança crescerá e poderá ter uma atitude etarista em relação às novas gerações de crianças. Clémentine Beauvais (2015) fala da “criança poderosa” para enfatizar como o potencial futuro da criança pode desafiar as esperanças dos adultos de preservar o *status quo* atual. Tanu Biswas (2021) enfatiza como a noção de “alteridade temporal” de Beauvais (2018) revela uma assimetria entre crianças e adultos em que os primeiros têm um futuro (e, portanto, o Tempo, que na história moderna está associado ao Dinheiro, de modo inseparável), enquanto os últimos (apenas) têm um passado que podem acessar. Como ler, assim, as assimetrias de poder nessas relações mutáveis? Como integrar essas leituras em uma crítica literária criancista?

A crítica literária feminista é muitas vezes identificada com a busca do resgate e da valorização de textos escritos por mulheres e da análise crítica das representações das mulheres, mas, como argumenta Rita Felski, não deveria ser algo que interesse apenas a algumas de nós da área, mas a todas nós, pois altera nossa visão da literatura como literatura (FELSKI, 2020, p. 20). Em vez de girar em torno da escorregadia categoria da “mulher”, a crítica literária feminista começou a explorar um conjunto de novas questões sobre as relações entre o social, o político, o biológico e o estético. Até onde essa analogia entre estudos feministas e criancistas pode nos levar nos estudos da literatura infantil e juvenil, bem como nos estudos da infância e na produção de conhecimento em geral?

Os criancismos deveriam, como os feminismos, buscar descentralizar as noções de objetividade, agência e voz. Como argumenta Chapleau, o criancismo é mais uma daquelas lutas contra-hegemônicas – como o pós-colonialismo, os movimentos gays e lésbicos ou os movimentos marxistas – que desejam transformar o mundo construindo “um lugar igualitário para todos” (CHAPLEAU, 2009, p. 186). Mas como se dá essa luta quando ligada à figura da criança, que é produzida em relação tão estreita com as promessas de um futuro melhor e de transformação do mundo? Como argumentamos alhures a partir da nossa posição como estudiosas da literatura infantil e juvenil, “essa reivindicação por um futuro promissor, esse desejo do projeto pedagógico investido nos jovens, faz da literatura infantil e juvenil um local de violência lenta em que várias exclusões vão ocorrendo” (GARCÍA- GONZÁLEZ e DESZCZ-TRYHUBCZAK, 2021). Além disso, como é possível comparar o “feminino” das abordagens feministas e suas múltiplas representações nos movimentos sociais com a “criança” das abordagens criancistas se tal categoria foi criada por adultos e apenas por acadêmicos, enquanto a maioria das crianças em todo o mundo continua sem saber disso? Quem deve julgar se nossa perspectiva é criancista ou não? Como as várias formas de pesquisa conduzidas por crianças ajudariam aqui?

Os novos materialismos feministas fornecem conceitos que podem nos ajudar a navegar no terreno complexo em que emerge a luta pelo criancismo. Nas novas filosofias materialistas, as categorias identitárias nunca são estáveis, de modo que a criança e o adulto são figurações temporárias e relacionais produzidas em

emaranhados biossocioculturais. Uma abordagem materialista feminista (criancista) da literatura infantil e juvenil pode ter menos a ver com a criança como corpo humano de uma certa idade e mais com a exploração das comunidades em que tal figura é produzida. O que importa são os emaranhados – ou “intra-ações”, para usar o termo materialista cunhado por Karen Barad (2007, p. 33) – de crianças e textos em vários espaços e tempos. Na seção seguinte, descrevemos dois projetos de pesquisa nos quais buscamos o novo materialismo feminista para produzir relatos complexos de culturas infantis e juvenis. Na linha do “reconstrucionismo” de Wall, procuramos reconhecer e produzir relações interdependentes e afirmativas com as crianças; no entanto, nossa abordagem materialista feminista permite que nos afastemos dos entendimentos de agências centrados no ser humano e observemos como a criança é produzida em relação a várias outras materialidades. Nesses emaranhados, enfocamos o modo como o desejo de um futuro melhor (mais igualitário) produz infâncias.

## **A pesquisa criancista e novo-materialista nos estudos de literatura infantil e juvenil**

Deszcz-Tryhubczak tentou abraçar uma perspectiva relacional em *Shaping a Preferable Future: Children Reading, Thinking and Talking about Alternative Communities and Times (ChildAct)*<sup>20</sup>, seu outro projeto participativo conduzido em 2018 em conjunto com um grupo de alunos do Ensino Fundamental (idade 10–11) do Condado de Cambridge, Reino Unido. Embora Deszcz-Tryhubczak tenha selecionado o livro infantil para o projeto e convidado os jovens pesquisadores para ler e trabalhar nele com ela, Deszcz-Tryhubczak não planejou exatamente como o projeto se desenvolveria, mas esperou as decisões das crianças. Como ela lembra,

“No momento em que distribuí as cópias de *Un Lun Dun* para os participantes, percebi que tudo poderia acontecer. Eu não controlava mais o projeto, pois eram as crianças, seus pais (permitindo e incentivando a participação de seus filhos) e professores [...] (cuidando da logística) que também controlavam o fluxo da pesquisa. [...] Tive de enfrentar o desafio da imprevisibilidade radical, da desordem e da complexidade absoluta da relacionalidade e interdependência recém-emergentes” (DESZCZ-TRYHUBCZAK, 2019, p.

---

<sup>20</sup> *Formando um futuro preferível: Crianças lendo, pensando e falando sobre comunidades e tempos alternativos (AtoCriança)*

191).

É importante ressaltar que o processo começou a ser moldado não apenas pelos participantes humanos, mas também pelo “agente não humano, o próprio *Un Lun Dun* [por China Miéville], e sua agência performativa e criativa” (DESZCZ-TRYHUBCZAK, 2019, p. 191). O romance tanto estimulou a ideia inicial do projeto – já que preocupou Deszcz-Tryhubczak muito antes do início do projeto – quanto intragiu com os participantes: por um lado, o livro inspirou ideias e ações; por outro, o envolvimento dos participantes com ele ativou e disseminou seu “trabalho epistêmico” (DESZCZ-TRYHUBCZAK, 2019, p. 191). Para Deszcz-Tryhubczak (2019), *Un Lun Dun* estava lendo as esperanças e preocupações dos participantes enquanto eles o liam e discutiam. A equipe infantil decidiu examinar o romance fazendo uma adaptação cinematográfica da história, que pretendiam usar para estimular uma reflexão sobre a hipótese de as vozes dos cidadãos mais velhos e mais jovens contarem nas políticas verdes do governo.

O desenvolvimento imprevisível do projeto fez com que Deszcz-Tryhubczak reconhecesse a importância da pesquisa “capaz de resposta” (*response-able*) (BARAD, 2007, p. 393; HARAWAY, 2008, p. 88). Ela reagiu às sugestões das crianças, deixando-se afetar por elas em diversas situações, inclusive na decisão delas de que ela deveria interpretar uma das personagens do filme, o que de certa forma fez com que Deszcz-Tryhubczak crescesse como pesquisadora e leitora adulta: ela precisou atender ao pedido das crianças de forma atenciosa e produtiva, pensando no modo como sua participação no filme influenciaria o processo de pesquisa, como sua personificação da personagem corresponderia ao restante da adaptação e como ela superaria sua própria estranheza na encenação. A colaboração no filme significou que todos os participantes “estavam em um estado constante e mútuo de responsabilidade pelo que aconteceu” (DESZCZ-TRYHUBCZAK, 2019, p. 195). Simultaneamente, o processo de pesquisa foi marcado pela alegria generalizada, pelo riso, pela antecipação entusiástica, pelo estresse e pelo cansaço, pela impaciência e até pela frustração. Assim, distanciou-se da observação e representação dos meandros da literatura à distância para se envolver com as crianças por meio de coletividades intergeracionais e criatividade afirmativa.



A própria adaptação pode ser vista como “uma produção de conhecimento discursivo-material e multimodal constituída por encontros de corpos humanos uns com os outros e com o mundo não-humano e simultaneamente constituindo esses encontros” (DESZCZ-TRYHUBCZAK, 2019, p. 196). O mundo não-humano incluiu não só o livro, mas também o clima, o espaço do pátio da escola, as estantes da biblioteca escolar, os equipamentos de filmagem, um carrinho de brinquedo, fantasias e pinturas faciais, os instrumentos guardados em uma das salas de aula e algumas sementes de girassol. Desta forma, o projeto *AtoCriança* desestabilizou não apenas as práticas críticas centradas no adulto, mas também as antropocêntricas, pois colocou em primeiro plano a relacionalidade fundamental de toda a questão, ou como Karen Barad coloca em termos do novo materialismo, um dinamismo de forças (BARAD, 2007, p. 141) em que a matéria, as coisas e os corpos estão em constante troca e difração, influenciando e trabalhando inseparavelmente por meio de sua relação com outros corpos, coisas e ideias igualmente contingentes, incluindo crianças, adultos e livros. Como argumentamos alhures (GARCÍA-GONZÁLEZ; DESZCZ-TRYHUBCZAK, 2020), o pensamento novo materialista pode fornecer aberturas importantes para os estudos da literatura infantil e juvenil, permitindo-nos desenvolver novos *insights* sobre emaranhamentos de adultos e crianças, tanto reais quanto imaginários. Também pode nos ajudar a entender como escrever, ler, desenhar, fazer filmes e outras formas do fazer com os livros podem ser vistas como processos de um “tornar-se-com”. Talvez possamos dar conta do que faz um livro infantil explorando a porosidade entre textos e leitores de todas as idades, incluindo a multiplicidade das relacionalidades com texturas, espaços, sentimentos e outras materialidades? (GARCÍA-GONZÁLEZ; DESZCZ-TRYHUBCZAK, 2020, p. 52).

As conectividades intergeracionais e outros emaranhamentos humanos-não-humanos também constituem o núcleo da plataforma colaborativa para a cultura infantil e juvenil #EstoTbn, a hashtag que significa “esto también” (“isso também”), formada em 2020 por Macarena García-González e suas colegas Soledad Véliz e Ignacia Saona para desafiar os principais canais adultistas (e humanistas) de recomendação de literatura para jovens leitores. #EstoTbn investiga o modo como crianças e adultos são afetados por produções culturais e as formas de recomendação

de textos literários e culturais. A plataforma faz isso hospedando um projeto de pesquisa com crianças e bibliotecários de escolas do Chile, todos convidados a compartilhar, produzir e criticar recomendações de literatura e cultura infantil e juvenil em qualquer formato que considerem adequado.

O projeto começou durante a primeira onda da Covid-19, quando as recomendações de literatura e cultura infantil e juvenil proliferaram na rede, relacionadas as preocupações sobre o modo como lidar com as crianças durante o confinamento (*lockdown*) e os medos crescentes sobre o modo como as crianças lidariam com a dura realidade da pandemia. Posteriormente, o projeto passou a explorar os modos como certas obras ficcionais e não ficcionais para/sobre/por crianças circulam enquanto outras são marginalizadas e como esses processos dependem de temas, gêneros, estilos e diversos arranjos de colaborações intergeracionais que produzem obras ficcionais e artísticas. Com o objetivo explícito de trazer outras mídias e artes para o ecossistema de promoção de leitura e educação literária, o projeto gera recomendações de livros, fragmentos literários, vídeos, músicas e obras de arte que são compartilhadas com os participantes, crianças e adultos.

No #EstoTbn, a criança e o adulto não têm uma identidade fixa e não estão ligados a nenhuma dimensão definidora como a maturidade ou as habilidades cognitivas. O projeto se esforça para considerá-los como “ontologias relacionais” (SPYROU, 2018, p. 25): a criança e o adulto não existem antes de encontrar-se. Embora se afaste da categoria da criança, #EstoTbn responde, no entanto, a um desejo criancista de abrir espaços para as “vozes” das crianças. No entanto, voz é sempre “voz” e ela falha inevitavelmente na representação de sujeitos. Seguindo a crítica de Lisa Mazzei (2013, 2016) à pesquisa qualitativa que visa representar sujeitos excluídos ao transmitir suas palavras e acreditar que falam por um “eu” unitário, o #EstoTbn reconhece a forma como as vozes produzidas pelos métodos de pesquisa estão emaranhadas com promessas (e fracassos). As crianças enviam áudios e escrevem recomendações, conscientes de que estas serão lidas primeiro pelos adultos, enquanto os participantes adultos procuram ficar atentos à forma como seu adultismo também persiste quando são feitas promessas sobre a participação das

crianças.

Por fim, no #EstoTbn, uma crítica criancista (literária) aparece como dispositivo para abrir uma multiplicidade de posições infantis em relação a livros e outros textos culturais; a agência não reside em sujeitos individuais ou/qualquer criança individual, mas se torna uma rede, tecida e distribuída com os participantes e suas múltiplas relações com livros, filmes, reuniões na plataforma Zoom, e-mails, bibliotecas escolares, hashtags de mídia sociais e seres humanos. Nesses emaranhamentos, os pesquisadores tentam identificar as forças das formas adultistas de saber, além de examinar de perto quais esperanças são apresentadas pelas ideias que vêm das vozes das crianças. Quando a desordem das relacionalidades e agências é reconhecida, podemos mudar mais claramente de um criancismo que depende de uma promessa adulta de emancipação infantil para outro em que a complexidade de múltiplas infâncias e posicionamentos infantis vem à tona.

## Conclusão

Se observarmos como o criancismo também emerge em relação a outros conceitos, podemos estar mais preparados para usá-lo ao abordar a produção cultural para/por crianças e ver como esse para/por não implica dicotomia, mas porosidade. Uma ênfase nas relacionalidades que se afasta da criança como categoria fixa e das pretensões de dar voz às crianças abre novas formas de contraposição aos processos de exclusão através dos nossos métodos de investigação. No entanto, nosso envolvimento com novos materialismos feministas também nos tornou conscientes dos benefícios do reposicionamento das conectividades criança-adulto em contextos pós-humanos, criados e moldados por muitas outras relacionalidades humanas e mais que humanas, ou simplesmente pela desordem onipresente do mundo, que inclui leitores, textos, estudiosos e as próprias materialidades da pesquisa. Levando em consideração a pura multiplicidade desses emaranhamentos, precisamos de vários tipos de criancismos e seus devires, em vez de uma noção antropocêntrica fixa do criancismo. Tal abordagem, por sua vez, necessita de métodos voltados não tanto para a produção de novos conhecimentos, mas para a imersão em eventos e processos que emergem em emaranhamentos pós-humanos desordenados e o

registro destes em sua singularidade e fluidez sem tentar organizá-los. Isso não é uma coisa fácil de fazer, especialmente na situação de contextos de financiamento de pesquisa cada vez mais orientados para os resultados e com enfoque na viabilidade. Métodos abertos enfrentam muito mais resistência agora, mas muito pode ser ganho ao se considerar as tensões de uma produção de conhecimento, além dos compromissos éticos com a referida produção, a qual é capaz de assumir riscos e reconhecer o imprevisível. Como mostram nossos projetos, é difícil e de fato inútil projetar abordagens metodológicas complexas. Em vez disso, deveríamos estar prontos para responder *in situ* a diversos eventos e conectividades através dos quais nossas vidas se desenrolam para podermos ter uma melhor compreensão sobre que infâncias são criadas por meio de nossas próprias práticas de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BARAD, K. *Meeting the universe halfway: quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Durham: Duke University Press, 2007.

BEAUVAIS, C. *The mighty child: time and power in children's literature*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.

BEAUVAIS, C. Thinking the adult–child relationship with existentialism. In: SPYROU, S.; ROSEN, R.; COOK D. T. (ed.). *Reimagining childhood studies*. London: Bloomsbury Academic, 2018. p. 57–74.

BISWAS, T. Who needs sensory education? *Studies in Philosophy and Education*, Dordrecht, v. 40, n. 3, p. 287–302, 2021.

CHAPLEAU, S. Childist criticism and the silenced voice of the child: a widening critical and institutional re-consideration of children's literature. In: FINDLAY, R.; SALBAYRE, S. (ed.). *Stories for children, histories of childhood*. Paris: Presses Universitaires François-Rabelais, 2007, p. 85–106. Disponível em: <http://books.openedition.org/pufr/4946>.

CHAPLEAU, S. *Work in progress: children's literature and childist criticism - towards an institutional re-consideration*. 2009. Thesis (Degree Philosophiae) – University of Wales, Cardiff, 2009. Disponível em: <https://orca.cardiff.ac.uk/54518/>.

CHAWAR, E.; DESZCZ-TRYHUBCZAK, J.; KOWALSKA, K.; MANIAKOWSKA, O.; MARECKI, M.; PALCZYŃSKA, M.; PSZCZOŁOWSKI, E.; SIKORA, D. Children's voices in the polish canon wars: participatory research in action. *International*

*Research in Children's Literature*, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 111–131, 2018.

COATS, K. S. Keepin'it plural: children's studies in the academy. *Children's Literature Association Quarterly*, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 140–150, 2001.

CONRAD, R. *Time for childhoods: young poets and questions of agency*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2019.

CUMMING, P. E. What children's writing? read by whom, how, and to what ends? *Canadian Children's Literature*, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 106–115, 2008.

DESZCZ-TRYHUBCZAK, J. Thinking with deconstruction: book-adult-child events in Children's literature research. *Oxford Literary Review*, [s. l.], v. 41, n. 2, p. 185–201, 2019.

DESZCZ-TRYHUBCZAK, J.; JAQUES, Z. *Intergenerational solidarity in children's literature and film*. Jackson: University Press of Mississippi, 2021.

DESZCZ-TRYHUBCZAK, J.; KALLA, I. B. *Rulers of literary playgrounds: politics of intergenerational play in Children's literature*. London: Routledge, 2021a.

DESZCZ-TRYHUBCZAK, J.; KALLA, I. B. *Children's literature and intergenerational relationships: Encounters of the playful kind*. New York: Springer International Publishing, 2021b. Disponível em:  
<https://books.google.cl/books?id=gworEAAAQBAJ>.

DESZCZ-TRYHUBCZAK, J.; MARECKI, M. A meta-critical reflection on academic writing with child researchers. In: SPENCER, G. (ed.). *Ethics and integrity in research with children and Young*. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2021. p. 213–227.

DESZCZ-TRYHUBCZAK, J.; MARECKI, M.; CHAWAR, E.; KACZKOWSKA, M.; KOWALSKA, K.; KULAWIK, A.; OŻLAŃSKA, M.; PALCZYŃSKA, M.; PARCHENIAK, N.; PSZCZOŁOWSKI, E. Productive remembering of childhood: child–adult memory-work with the school literary canon. *Humanities*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 1-13, 2019. DOI:  
<https://doi.org/10.3390/h8020074>

DIAZ-DIAZ, C.; SEMENEC, P. *Posthumanist and new materialist methodologies: Research after the child*. New York: Springer International Publishing, 2020.

FELSKI, R. *Literature after feminism*. Chicago: University of Chicago Press, 2020.

GALBRAITH, M. Hear my cry: a manifesto for an emancipatory childhood studies approach to children's literature. *The Lion and the Unicorn*, Baltimore, v. 25. n. 2, p.187–205, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1353/uni.2001.0019>

GALLACHER, L. A.; GALLAGHER, M. Methodological immaturity in childhood research? Thinking through participatory methods. *Childhood*, London, v. 15, n. 4, p. 499–516, 2008.

GARCÍA-GONZÁLEZ, M.; DESZCZ-TRYHUBCZAK, J. New materialist openings to children's literature studies. *International Research in Children's Literature*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 45–60, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3366/ircl.2020.0327>

GARCÍA-GONZÁLEZ, M.; DESZCZ-TRYHUBCZAK, J. *Children's literature as a site of slow violence*. 2021. Disponível em: <https://reimaginingchildhoodstudies.com/childrens-literature-as-a-site-of-slow-violence/>.

GUBAR, M. *Artful dodgers: reconceiving the golden age of children's literature*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

GUBAR, M. The hermeneutics of recuperation: what a kinship-model approach to children's agency could do for children's literature and childhood studies. *Jeunesse: Young people Texts, Cultures*, [s. l.], v. 8, n.1, p. 291–310, 2016.

HARAWAY, D. *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, D. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HUNT, P. Childist criticism: the subculture of the child, the book and the critic. *Signal - Approaches to Children's Books*, [s. l.], v. 43, p. 42–59, 1984.

HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HUNT, P. *Criticism, theory, and children's literature*. New Jersey: Blackwell Publishing, 1991.

JOOSEN, V. The adult as foe or friend?: childism in Guus Kuijer's criticism and fiction. *International Research in Children's Literature*, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 205–217, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3366/ircl.2013.0099>

JOOSEN, V. *Adulthood in children's literature*. London: Bloomsbury Academic, 2018.  
KRAFTL, P.; HORTON, J. Children's geographies and the “new wave” of childhood studies. In: SPYROU, S.; ROSEN, R.; COOK, D. T. (ed.). *Reimagining childhood studies*. London: Bloomsbury Academic, 2018. p. 105–122.

LESNIK-OBERSTEIN, K. *Children's literature: criticism and the fictional child*. Oxford: Clarendon Press, 1994.



LESNIK-OBERSTEIN, K.; THOMSON, S. What is queer theory doing with the child? *Parallax*, [s. l.], v. 8, n.1, p. 35–46, 2002.

MALONE, K.; TESAR, M.; ARNDT, S. *Theorising posthuman childhood studies*. New York: Springer International Publishing, 2020.

MAZZEI, L. A. A voice without organs: Interviewing in posthumanist research. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, Basingstoke, v. 26, n. 6, p. 732–740, 2013.

MAZZEI, L. A. Voice without a subject. *Cultural Studies ↔ Critical Methodologies*, London, v.16, n. 2, p. 151–161, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/1532708616636893>

MELROSE, A. The hidden adult and the hiding child in writing for children?. *Text Journal*, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 1-9, 2012. DOI: <http://www.textjournal.com.au/april12/melrose.htm>

MURRIS, K. Posthuman child and the diffractive teacher: decolonizing the nature/culture binary. In: CUTTER-MACKENZIE-KNOWLES, A.; MALONE, K.; HACKING, E. B. (ed.). *Research handbook on childhood nature: assemblages of childhood and nature research*. New York: Springer International Publishing, 2020. p. 31–55.

NANCE-CARROLL, N. Children and young people as activist authors. *International Research in Children's Literature*, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 6–21, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3366/ircl.2021.0374>

NIKOLAJEVA, M. Theory, post-theory, and aetnormative theory. *Neohelicon*, Budapest, v. 36, n. 1, p. 13–24, 2009.

NIKOLAJEVA, M. *Power, voice and subjectivity in literature for young readers*. London: Routledge, 2010.

NODELMAN, P. *The hidden adult: defining children's literature*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2008.

OSGOOD, J. Playing with gender: making space for post-human childhood (s). In: MOYLES, J.; PAYLER, J.; GEORGESON, J. (ed.). *Early years foundations: critical issues*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 191–202.

OSGOOD, J.; ROBINSON, K. H. (ed.). *Feminists researching gendered childhoods: Generative entanglements*. London: Bloomsbury Academic, 2019.

PAUL, L. Enigma variations: what feminist theory knows about children's literature. *Signal*, [s. l.], v. 54, p. 186, Sept. 1987.

PUNCH, S. Cross-world and cross-disciplinary dialogue: a more integrated, global approach to childhood studies. *Global Studies of Childhood*, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 352–364, 2016.

PUNCH, S. Why have generational orderings been marginalised in the social sciences including childhood studies? *Children's Geographies*, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 128–140, 2020.

REYNOLDS, K. Child-oriented criticism. In: GRENBY, M. O.; REYNOLDS, K. (ed.). *Children's literature studies: a research handbook*. London: Palgrave Macmillan, 2011, p. 128–132.

ROSE, J. *The case of Peter pan: or the impossibility of children's fiction*. London: Palgrave Macmillan, 1984.

RUDD, D. Children's literature and the return to Rose. *Children's Literature Association Quarterly*, [s. l.], v. 35, n. 3, p. 290–310, 2010. Project MUSE. DOI: <https://doi.org/10.1353/chq.2010.0011>

RUDD, D. Theorising and theories: how does children's literature exist? In: Hunt, P. (ed.). *Understanding children's literature*. 2nd. ed. London: Routledge, 2005. p. 15–29.

SÁNCHEZ-EPPLER, K. *Dependent states: the child's part in nineteenth-century American culture*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

SMITH, V. F. *Between generations: collaborative authorship in the Golden age of Children's literature*. Jackson: University Press of Mississippi, 2017.

SPYROU, S. *Time to decenter childhood?* *Childhood*, London, v. 24, n. 4, p. 433-437, 2017.

SPYROU, S. *Disclosing childhoods: research and knowledge production for a critical childhood studies*. London: Palgrave Macmillan, 2018.

SPYROU, S. An ontological turn for childhood studies? *Children & Society*, [s. l.], v. 33, n. 4, p. 316–323, 2019.

SUNDMARK, B. (ed.). Editorial. *Bookbird: a Journal of International Children's Literature*, [s. l.], v. 55, n. 2, p. 2-3, 2017.

TAGUCHI, H. L. Investigating learning, participation and becoming in early childhood practices with a relational materialist approach. *Global Studies of Childhood*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 36–50, 2011. DOI: <https://doi.org/10.2304/gsch.2011.1.1.36>

WALL, J. Childism: the challenge of childhood to ethics and the humanities. *In*: DUANE, A. M. (ed.). *The Children's table: childhood studies and the new humanities*. Athens: University of Georgia Press, 2013. p. 68–84.

WALL, J. From childhood studies to childism: reconstructing the scholarly and social imaginations. *Children's Geographies*, [s. l.], v. 20, p. 1–14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/14733285.2019.1668912>

WARMING, H. Getting under their skins? Accessing young children's perspectives through ethnographic fieldwork. *Childhood*, London, v. 18, n. 1, p. 39–53, 2011.

WESSELING, E. Researching child authors: which questions (not to) ask. *Humanities*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 87, 2019.

YOUNG-BRUEHL, E. *Childism*. New Haven: Yale University Press, 2012.

## Agradecimentos da tradutora

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) o financiamento do Projeto de Pesquisa 304373/2021-4; às colegas Justyna Deszcz-Tryhubczak e Macarena García-González e à revista *Children & Society* a permissão para publicar a tradução deste artigo e ao Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil (GEPLI), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, do qual faço parte.

Recebido em: 14 abr. 2023.

Aprovado em: 30 jun. 2023.

Revisora de língua portuguesa: Patrícia Cardoso Batista

Revisor de língua inglesa: Otto Henrique Silva Ferreira

Revisora de língua espanhola: Juliana Moratto